

Pois as grandes revoltas das épocas anteriores foram tão sòmente explosões do sofrimento e desespero das criaturas que apenas queriam escapar a uma situação que se havia tornado insustentável, que se queriam libertar das suas torturas e vingar-se dos seus carrascos. E pouco se importavam êles em substituir a ordem existente pelos princípios gerais da Justiça e da Igualdade.

Quando, na Antiguidade, os sofrimentos dos escravos nas minas de prata, nas masmorras, nos cubículos dos gladiadores, levavam a uma revolta coroada de êxito, apenas significava isto para os escravos vitoriosos uma inversão de papéis. Daí em diante, êles habitariam os palácios de seus antigos senhores, a cujas mesas agora se banquetavam, e dormiriam na cama de seus donos com as mulheres dêstes.

A maior parte dos chefes dos escravos vitoriosos, o astuto Dri-makos, o tocador de flauta Salvius, o feiticeiro Athenaeon, o gladiador Spartacus, todos êles, uma vez chegados ao poder, se proclamaram reis e cercaram-se de funcionários aúlicos, de oficiais, de moços escudeiros e de servidores. Continuou assim, a subsistir a mesma desigualdade e a mesma deshumanidade que tinham imperado até então, com a diferença de que agora se voltavam contra os antigos senhores, tocando-lhes a vez de serem ultrajados, torturados e pregados na cruz.

O sírio Eunus, no segundo século antes de Cristo, pôs o domínio romano em sérios perigos, como chefe duma revolta de escravos na Sicília. Por muitos anos seu amo lhe aproveitara os talentos na arte de graça-ear, na arte mágica e na de fazer jogos de prestidigitação, para distrair seus convivas durante os banquetes. E os ricos senhores se divertiam imenso, especialmente quando Eunus começava a dissertar sôbre um reinado dos escravos, que estava prestes a chegar e onde êle próprio, na qualidade de rei, recompensaria êsses senhores que agora lhe atiravam restos de comida e, por outro lado, puniria devidamente os que o castigavam.

E eis que um dia êste bobo, a cuja custa tanto haviam rido, toma a chefia dum bando de escravos amotinados, condú-los de vitória em vitória, apodera-se da cidade de Ena e alí estabelece o império dos escravos. Durante nove anos êle resiste a todos os embates das legiões romanas. A fronte cingida com o diadema real, cercado duma côrte de numerosos funcionários, tendo uma escrava síria como rainha a seu lado, Eunus reina durante êsses nove anos como soberano onipotente, julga em audiência os antigos senhores e distribue entre êles os prêmios e castigos, que lhes prometera quando com êles gracejava.

Esta pompa real torna-se para o ex-escravo a tal ponto uma segunda natureza que, depois de sua queda, quando foge à perseguição dos romanos vitoriosos, não quer separar-se do seu cozinheiro particular, do seu padeiro, do seu camareiro nem do bobo oficial. Acompanhado desta côrte reduzida a quatro homens, acaba por se esconder

numa caverna, onde se faz servir por êles até o desenlace final de sua aventura.

O conceito dêstes antigos escravos rebeldes, que almejam uma reviravolta completa da hierarquia, não se manifesta menos impressionante no aparato teatral com que Spartacus, o gladiador fugitivo, patenteia a inversão de papéis entre senhores e escravos. Por ocasião das cerimônias fúnebres em honra dos que lhe estão subordinados, quatrocentos romanos prisioneiros têm de se massacrar mutuamente em sangrentos combates de gladiadores. O exército inteiro dos escravos acompanha êste espetáculo horrível com sarcásticos gritos de júbilo. Posteriormente também, até o declínio da Idade-Média, tôdas as vezes em que revoltas de classes oprimidas ameaçam a existência da ordem social, aquilo por que os revoltosos se empenham e que realizam depois de cada vitória, se resume de igual modo em colocar por baixo o que estava por cima, e viceversa.

Ainda no princípio dos grandes movimentos dos camponeses, na Europa, a idéia da igualdade de todos os homens está ausente. Assim, a revolta da "Jacquerie" que, poucos anos antes da aparição de John Ball, assola a região entre Amiens e Paris, não passa duma rebeldia elementar, sem programa, dêsse "Jacques Bonhomme" explorado e maltratado, dêsse vilão de boa índole que, até onde sua memória alcança, não tem mais do que cultivado os campos do seu senhor, mas que agora se subleva contra os algozes.

Pela primeira vez recebe a rebelião sua idéia essencial nas palavras do pastor de Kent, pois aqui, pela primeira vez, se exprime a dúvida de que se é Deus que quer as desigualdades e se os sofrimentos que elas ocasionam têm de ser suportados caladamente e com resignação, como um golpe da providência divina. Porisso, pois, que, John Ball vai espalhando a todos os ventos que Deus quer apenas o que é bom e razoável, êste apóstolo dos campônios ingleses cumpre algo de inaudita importância para a história das idéias: graças a essa afirmação, o Divino passa a ser excluído da organização social, zona extensa e importante da atividade humana, onde é negado. No lugar ocupado até lá por um Deus arbitrário, que inspira o terror e que, por motivos impenetráveis, abençoa a uns com riqueza e poder e castiga a outros com pobreza e falta de direitos, o homem institue agora uma Vontade ordenadora, racional, que governa todo o mundo.

Esta fé, na possibilidade de alcançar uma outra mais equitativa repartição do poder e dos bens, é destinada a tornar-se o princípio básico do pensamento durante os séculos posteriores. As massas que seguem John Ball pelas estradas, em direção a Londres, marcham em linha reta dentro dos séculos vindouros. Sua canção sarcástica e ameaçadora nunca mais calará. Assim como atordoou os ouvidos de Ricardo II, os de seus nobres e prelados, soará mais tarde atroadamente aos ouvidos de Luiz XVI e, depois dêle, até nosso século a dentro, aos